

Subscreva agora a ARTECAPITAL - NEWSLETTER quinzenal para saber as últimas exposições, entrevistas e notícias de arte contemporânea.

ARTECAPITAL RECOMENDA



Outras recomendações:

FRIDAY 13TH

Coletiva
Movart, Lisboa

Walk the curve

Ayelen Peressini e Inês Teles
Alto de S. Bento,

No Chão do Paraíso

ALBUQUERQUE MENDES
Auditório Municipal de Gondomar, Gondomar

Estancias de la pintura. Calavera resumida

Pedro Morales Elipe
Museu Nacional de História Natural e da Ciência, Lisboa

Tchiloli Family

RENÉ TAVARES
ELA - Espaço Luanda Arte, Luanda

Topografias Rurais

Alberto Carneiro, Ana Lupas, Lala Meredith-Vula e Claire de Santa Coloma
Vários locais/Lisboa, Lisboa

A Imagem da Palavra

EUGÈNE GREEN
Casa do Cinema Manoel de Oliveira, Porto

O vazio da minha alma

MARA CASTILHO
Livraria Sá da Costa, Lisboa

Prémio Sonae

Coletiva
MNAC - Museu do Chiado, Lisboa

O Ponto Perfeito

Maria Pia Oliveira
Fundação Portuguesa das Comunicações,

ARQUIVO:

(selecione mês de arquivo) ▾

O seguinte guia de exposições é uma perspectiva prévia compilada pela ARTECAPITAL, antecipando as mostras. Envie-nos informação (Press-Release e imagem) das próximas inaugurações. Seleccionamos três exposições periodicamente, divulgando-as junto dos nossos leitores.

COLECTIVA

Muitas vezes marquei encontro comigo próprio no ponto zero

ATELIER-MUSEU JÚLIO POMAR

Rua do Vale, nº7
1200-472 LISBOA

31 JAN - 21 ABR 2019

O Atelier-Museu Júlio Pomar inaugura, no dia 31 de janeiro, às 18:00, a exposição coletiva "muitas vezes marquei encontro comigo próprio no ponto zero" — proposta curatorial de Marta Rema, que venceu a terceira edição do Prémio de Curadoria Atelier-Museu Júlio Pomar / EGEAC 2018-19.

Com obras de: Ana Pérez-Quiroga, Ana Pissarra, Cecília Costa, Fernando Calhau, Helena Almeida, João Pedro Vale & Nuno Alexandre Ferreira, João Maria de Gusmão e Pedro Paiva, Jorge Molder, Josefa d'Óbidos, Júlio Pomar, Luísa Cunha, Paulo Lisboa, Pedro Vaz, Raul Domingues, Ricardo Jacinto, Rui Chafes, Sandro Resende e Sara & André.

Com a participação de: António Guerreiro, Joaquim Caetano, Maria de Fátima Lambert e Emília Tavares.

Exibição do filme: FLOR AZUL, de Raul Domingues, em parceria com a Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, na quarta feira dia 27 de fevereiro.

Muitas vezes marquei encontro comigo próprio no ponto zero reúne trabalhos que abordam o desejo de pensar o silêncio nas suas múltiplas dimensões — corporal, artística, visual, temporal, política, real e imaginária. O projeto, resultado do prémio de curadoria atribuído por esta instituição, tendo tido como júri João Fernandes, Luíza Teixeira de Freitas e Sara Antónia Matos, conta com a presença dos seguintes artistas: Ana Pérez-Quiroga, Ana Pissarra, Cecília Costa, Fernando Calhau, Helena Almeida, João Pedro Vale & Nuno Alexandre Ferreira, João Maria de Gusmão e Pedro Paiva, Jorge Molder, Josefa d'Óbidos, Luísa Cunha, Paulo Lisboa, Pedro Vaz, Raul Domingues, Ricardo Jacinto, Rui Chafes, Sandro Resende, Sara & André e do próprio Júlio Pomar, de quem são mostrados os desenhos da prisão realizados no Forte de Caxias, onde o artista esteve detido de 27 de abril a 26 de agosto de 1947.

Através de diferentes propostas contemporâneas, este projeto curatorial procura refletir sobre a forma e o lugar do silêncio no mundo, tendo em conta que aparentemente este se tem tornado cada vez mais ruidoso. O título da exposição toma de empréstimo uma frase de Júlio Pomar, retirada de um capítulo do seu livro Da Cegueira dos Pintores, intitulado "Pisar o mesmo caminho".

Pois o que é o silêncio? A resposta clássica seria ausência de vibrações mecânicas transmitidas pelo ar. O silêncio pressupõe que qualquer coisa exterior ao ser humano estaria em estado de repouso ou seria anulada por algum efeito. O ruído seria neste sentido tudo aquilo que, não desejado, imprime uma qualidade de perturbação ao sinal: ou o próprio sinal. Na verdade, nunca houve silêncio. Sempre houve muito ruído. E o silêncio é, por vezes, a representação do vazio, da ausência de algo, de um termo, de outro elemento ou pessoa. Nesta aceção, parece estar a tornar-se, como diria Gordon Hempton, numa espécie em extinção. O silêncio pode ainda ser pensado enquanto instrumento de auto-preservação: revela inadequação, mal-estar, incapacidade ou impossibilidade de relação com o outro ou simplesmente uma relação complexa e contraditória. Aquilo que preferimos não dizer, que não queremos, não podemos ou não devemos pronunciar, constitui a essência dessas relações silenciosas, porventura, denunciando mais o

13



Art Edifício

Links



que é dito ou verbalizado de modo explícito. Isto significa que o silenciado tem também uma força definidora, vinculativa, com consequências palpáveis. São disso exemplo os silêncios que se fazem sobre determinados assuntos históricos, políticos e sociais, que ficam nas entrelinhas e fissuras da história e narrativas oficiais, como que apagados, perdidos e silenciados. Tramas imperfeitas como estas, cruzadas e contracurvadas, onde o silêncio introduz ambiguidades e incertezas, deixam-nos perceber que qualquer discurso remete sempre para outro discurso e assim sucessivamente, sem um fim ou começo originais. Se, neste sentido, o silêncio ameaça a exatidão do discurso, do diálogo, da expressão, da comunicação e da liberdade, é também nos silêncios que se podem tentar captar, interpretar e assimilar outros fluxos de pensamento, inéditos e reveladores de alternativas. Enfim, só reconhecemos o que conhecemos: num mundo onde o algoritmo — silencioso e invisível — serve ao controlo de sociedade inteiras, é preciso lembrar que até Bartleby tinha alguma coisa a dizer.

Para convocar uma reflexão sobre várias questões relacionados com o silêncio, este projeto reúne 20 artistas e 3 oradores de diversos quadrantes e proporciona uma vivência do contexto físico e histórico do local onde a exposição se realiza.

No dia 8 de Fevereiro: MEDUSA, um concerto-performance de Ricardo Jacinto, realiza-se a 8 de fevereiro, às 18:30.

No dia 14 de abril, realiza-se uma conversa com o cronista, crítico literário e professor António Guerreiro, a professora Maria de Fátima Lambert, a curadora Emília Tavares e o historiador Joaquim Caetano. Com a exposição é publicado um catálogo com textos dos intervenientes na conversa.

MNCARSGuggenheim.ORGBIGORITAErnesto de Sousaernestodesousa.comPALAIS DE TOKYO
SITE DE CRÉATION CONTEMPORAINE